

Quando o mito veste a toga: a representação da operação Lava Jato e a construção dos atores de justiça, nas páginas da revista semanal Veja (2014 – 2015)

When the myth wears the toga: the representation of the Lava Jato operation and the construction of justice actors, in the pages of the weekly magazine Veja (2014 – 2015)

Alana Vanzela Moraes¹
Larissa Vanzela Moraes²

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a narrativa construída sobre a operação Lava Jato e o papel dos atores de justiça na investigação federal, a partir da lente jornalística da revista semanal Veja. Pretende-se compreender que tipos de símbolos, estereótipos e figuras foram mobilizados – ou ocultados – para criar a representação sobre o evento. O estudo foi desenvolvido a partir da análise da literatura especializada, com destaque a obra de Luís Felipe Miguel (2011) e Daniele Silva (2017) no que

Abstract

This research aims to analyze the narrative built on the operation Lava Jato and the role of actors of justice in federal investigation, from the journalistic lens of the weekly magazine Veja. It is intended to understand what types of symbols, stereotypes and figures were mobilized - or hidden - to create the representation of the event. The study was developed from the analysis of the specialized literature, especially the work of Luís Felipe Miguel (2011) and Daniele Silva (2017)

¹alanavanzela@gmail.com Data de submissão: 21. abr 2021.

²larissamvanzela@gmail.com Data de submissão: 21. abr 2021.

compete ao conceito de “mito político”. O corpus documental foi composto por edições da revista semanal *Veja*, entre os anos de 2014 – 2015. Por meio do estudo, foi possível compreender que a narrativa proposta pela revista *Veja*, em certa medida, espelha alguns estereótipos da narrativa mítica, responsáveis por projetar uma representação dicotômica sobre o acontecimento, ainda em disputa no âmbito público.

Palavras-chave: Lava Jato; imprensa; *Veja*

in which he competes for the concept of "political myth". The documentary corpus was composed of editions of the weekly magazine *Veja*, among the years 2014 - 2015. Through the study, it was possible to understand that the narrative proposed by the magazine *Veja*, to some extent, mirrors some stereotypes of the mythical narrative, responsible for designing a dichotomous representation of the event, still in public contest.

Key-words: Lava Jato; press, *Veja*

Introdução

Em março de 2014, a Polícia Federal começou a examinar uma série de transações realizadas por um doleiro em um posto de gasolina e rede de lava-jato, localizado no estado do Paraná. O caso que parecia, em princípio, tratar-se somente de lavagem de dinheiro, acabou por descortinar um sistema muito mais complexo que envolveu a Petrobrás, empresas do ramo da construção civil e políticos do alto escalão do Legislativo brasileiro. A suspeita era de um esquema que promovia o pagamento de vantagens indevidas, por meio do orçamento público.

A apuração denominada como operação “Lava Jato”, atingiu o governo de Dilma Rousseff (PT), logo após a convulsão social desencadeada com as Jornadas de Junho, em 2013. Por ocasião das manifestações e na tentativa de reconciliar os laços com as ruas, a presidente

implementou medidas que fortaleceram a investigação federal³, mas que ironicamente, corroborariam para agravar a crise política em torno de seu governo, em 2015 e 2016.

O caso logo rompeu o anonimato e tornou-se amplamente divulgado nos principais noticiários brasileiros, devido à envergadura política e econômica dos citados. Para alguns pesquisadores é aceitável falar em um “escândalo-político-midiático”, dado a megaexposição do caso que narrou, quase diariamente, o trabalho de instrução do processo — executado pela *Polícia Federal, Ministério Público* e cortes de Justiça —, assim como o destino daqueles implicados na investigação, entre empreiteiros, ex-diretores da estatal, e o mais notável envolvimento de membros do Partido dos Trabalhadores (PT).

O PT colheu um saldo bastante negativo decorrente da operação, principalmente se considerado seu histórico de constituição enquanto um partido-movimento, catalisador da causa operária (SINGER, 2018; SECCO, 2018; CIOCCARI, 2015; JÚNIOR et al., 2018). Conforme as manchetes foram sendo tingidas de vermelho, o apoio da legenda derreteu perante a opinião pública, logo nos primeiros anos do processo jurídico. Um movimento que alcançou a sua expressão máxima nas ruas, com manifestações em diversos estados.

No que lhe concerne, o descontentamento popular não tardou em encontrar os interesses de oposição no Congresso Nacional, que enxergou na bandeira “contra a corrupção” um meio de desestabilização do governo. Dilma Rousseff, reeleita em uma campanha acirradíssima em 2014, passou a contar com opções cada vez mais limitadas de articulação política, somado à crise econômica e medidas impopulares de ajuste fiscal. Um labirinto que conduziu ao final do ano de 2015, a aceitação do processo de *impeachment* da presidente.

Embora não tenha sido comprovada a participação de Rousseff no esquema de corrupção da Petrobrás, este fato não impediu que a repercussão em torno do caso atravessasse seu governo de forma tão abrupta, até o momento de sua deposição⁴. Ainda que o *impeachment* da presidente possa ser encarado como um dos saldos políticos mais eminentes desse processo, ele não é único.

³ “A Lei do Crime Organizado (12.580), promulgada por Dilma em agosto de 2013, na esteira dos acontecimentos de junho, permitiu à Lava Jato ir mais longe do que o Banestado e o mensalão. A 12.580, que regulamentou a colaboração premiada tal como utilizada pela Lava Jato [...]” (SINGER, 2018, p.239).

⁴ A peça de *impeachment* escrita por Janaína Paschoal, Hélio Pereira Bicudo e Miguel Reale, apontou como um dos motivos fundamentais do processo, o envolvimento “notório” da presidente no esquema de desvio de dinheiro público da estatal, ou pelo menos a sua conivência com a prática, e seguiu instruída com uma série de reportagens e manchetes de jornais, compreendidas como indícios do envolvimento da presidente. A acusação não foi acatada pelo presidente da Câmara dos Deputados, somente a contravenção da lei orçamentária (DEPUTADOS, 2015).

Desta perspectiva, pesquisas recentes têm apontado como consequências do período, um processo de descrença generalizada sobre a política, que tem se estendido em sua forma mais grave, ao questionamento da validade das instituições democráticas como um todo (CIOCCARI, 2015; JÚNIOR et al., 2018). Por outro lado, o fenômeno Lava Jato pode ser considerado como o expoente mais visível de uma “judicialização extremada da política”, ou seja, quando cortes da justiça passam a tornar-se atores políticos e a interferir no jogo democrático (SINGER, 2018). Em geral, é aceitável dizer que existe um consenso quanto ao protagonismo dos setores da mídia no agendamento da discussão pública, especialmente no que compete à função do jornalismo.

Sendo assim, a hipótese defendida nesta pesquisa é de que a imprensa, não apenas trouxe centralidade à investigação no âmbito público, mas ao narrar o presente, tornou-se um agente fundamental na construção de um significado sobre o acontecimento, ainda em disputa. De acordo com Capelato (1988), a imprensa é responsável por mobilizar uma série de representações particulares do real. Longe de ser um espelho da realidade, as notícias nos editoriais são fruto de um processo deliberado de seleção, recorte e estruturação, daquilo que o corpo de profissionais — e sobretudo os proprietários da editora — elegem como digno de nota. Nesse sentido, a informação pode vir a mesclar-se com outros objetivos particulares, sejam estes políticos ou financeiros. O documento jornalístico é produto de uma intencionalidade que pressupõe relações de poder e impactam sobremaneira a esfera do político⁵.

Diante do exposto, o objeto de estudo desta pesquisa é analisar como foi construída a narrativa jornalística de revista, acerca da operação Lava Jato e o papel dos atores de justiça na investigação. Não obstante, pretende-se compreender que tipos de símbolos, estereótipos e figuras foram mobilizados — ou ocultados — para criar a representação sobre o evento. Uma tarefa que implica responder algumas questões específicas: 1) que tipo de imagem foi produzida sobre a Petrobras e quais são os elementos que causaram a crise na empresa? 2) de que forma a operação Lava Jato aparece inserida neste contexto de crise? 3) é possível falar em uma grande exposição midiática sobre o evento, responsável por tratar a notícia por meio de um viés estereotipado, uma luta entre mocinhos e antagonistas?

⁵ Para além de agir no presente, a imprensa também formula imagens da sociedade que engendram a constituição do futuro, ou seja, a notícia não está apenas restrita ao momento de sua formulação, ligada a efemeridade do grande furo de reportagem, mas fará parte da constituição daquilo que se comprehende enquanto memória. Na distensão do tempo, notícia, memória e história, se aproximam e por vezes se confundem (CAPELATO, 1988).

A partir dessas interrogações, elegeu-se como fonte o material jornalístico produzido no âmbito da revista *Veja*⁶. O *corpus* documental compreendeu as reportagens das seções Brasil e Colunas⁷, publicadas no período de dois anos da Lava Jato, a contar da instauração do processo (2014 – 2015). Ao todo, foram levantadas cerca de 95 edições.

Em decorrência da grande quantidade de material encontrado, foi utilizado como metodologia as contribuições de Laurence Bardin (2011), no desenvolvimento da análise de conteúdo temática e que deram origem aos Quadros 1, 2, 3 e 4, que poderão ser visualizados adiante no texto. Estima-se através desta metodologia alcançar uma exposição abrangente das publicações da revista e facilitar sua visualização ao leitor, dado o espaço reduzido do artigo. No que diz respeito ao referencial teórico, partiu-se das categorias analíticas elaboradas por Luís Felipe Miguel (2011) e Daniele Silva (2017) no que compete a ideia de “mito político”. Articuladas, as duas propostas oferecem um valioso instrumental para a análise dos símbolos e o uso das representações na política.

Adiante, o leitor encontrará este trabalho estruturado da seguinte maneira, no primeiro tópico será tratado da narrativa criada pela revista *Veja* sobre a Petrobras, no auge de seu funcionamento até os primeiros indícios de crise na empresa. Em seguida, é proposto uma análise a respeito dos temas mobilizados pela revista como a corrupção, empreiteiros e os partidos políticos, e de que forma esses assuntos aparecem relacionados. Ainda neste tópico, busca-se compreender como se deu a atuação da operação Lava Jato durante a conjuntura de crise na petroleira. Por último, será acompanhada a construção da figura do juiz federal Sergio Moro, enquanto um dos protagonistas da operação. Ao final do artigo são propostas considerações a respeito do impacto da imprensa na criação do acontecimento “Lava Jato”.

Uma jornada contra a corrupção: a Petrobras, os partidos políticos e a operação Lava Jato nas páginas da revista *Veja*

⁶ Criada no ano de 1968, por Roberto Civita (1936 – 2013) e administrada pelo Grupo Abril, a revista *Veja* é um periódico de informação geral, com fluxo semanal e de grande circulação nacional (MIRA, 1997).

⁷ A seção “Brasil” está geralmente associada à manchete de capa e a matéria principal, possui conotação informativa e pretende apresentar assuntos que impactam o cenário brasileiro. Já as Colunas tratam textos de opinião, relacionados à matéria de capa, escritas do ponto de vista dos jornalistas, economistas, artistas e outros profissionais que contribuem com a revista.

A presente seção é dedicada à análise da narrativa construída em torno da Petrobras, da crise que se inicia com os casos de corrupção e a atuação da operação Lava Jato, neste cenário. Deste modo, foram verificadas pelo menos quatro categorias de recortes principais no âmbito da revista *Veja*, que conduzem o leitor a compreender o acontecimento a partir de um encadeamento lógico, sendo: “A Petrobrás é um símbolo nacional”, “A corrupção é um mal, mas não é o único problema que a estatal precisa estancar”, “O projeto de poder do PT está corrompendo a máquina pública” e, por último, “A operação Lava Jato devolverá a confiança nas instituições públicas”.

Para compreender o porquê da apresentação da notícia nesses termos, utilizaremos as categorias teóricas elaboradas por Daniele Silva (2017) e Luís Felipe Miguel (2011), a saber, ambos tratam, sobre o chamado “mito político”.

Nesse sentido, para Silva (2017, p.333), “mito político” pode ser definido como uma “[...] sequência narrativa baseada em símbolos e estereótipos da cultura política. Destarte, esses mitos têm potencial de gerar significados, os quais não se conectam a uma verdade verificável, mas que criam uma crença em seu conteúdo [...].” Deste modo, a autora propõe a análise da representação em pelo menos dois sentidos, naquilo que diz respeito a carga simbólica do mito, a composição de seus elementos, assim como a relação mantida entre a sociedade e os símbolos. Em outras palavras, trata-se da constituição e dos usos sociais possíveis dessas figuras, inclusive a tendência de transportar esses símbolos para o campo político, seja em favor da legitimação de ações públicas, nos seus mais variados aspectos.

Perspectiva semelhante é apresentada por Miguel, (2011, p.6) que define mito político enquanto “[...] uma poderosa força motriz para a ação política, tendo como característica básica sua recusa à razão [...].” O que não reduz a política a um ato irracional, mas procura trazer a dimensão simbólica a um papel central de análise, capaz de conduzir a mobilização e a prática política. Em outras palavras, “[...] O jogo político não trata só — ou mesmo prioritariamente — de questões ‘técnicas’ ou de interesses que podem ou não ser acomodados, mas põe em questão disputas de valores [...]” (MIGUEL, 2011, p.6).

Em decorrência disso, considera-se que a imprensa pode ser um espaço privilegiado para a criação e divulgação de narrativas públicas que podem obedecer aos moldes da construção mítica, assim como considera Silva (2017) e Miguel (2011). Com os temas que publica, jornais e revistas criam representações sobre o real que nunca se encerram em si mesmas, mas são produtoras de outros significados.

Dado a posição social que ocupam no mundo contemporâneo, como mediadores da informação, os periódicos estão autorizados a produzir o discurso “verdadeiro” (FOUCAULT, 2014). Não obstante, conseguem mobilizar a discussão pública em torno de eventos específicos em detrimento de outros. Mantém uma relação recíproca com o contexto histórico em que são produzidos, sendo parte integrante do acirramento social que narram no presente.

Ainda no que diz respeito ao mito político, Miguel (2011) apresenta estereótipos específicos que podem permear o imaginário social, ponto em que os dois teóricos se aproximam em um mesmo nó analítico. Trata-se aqui dos modelos da “Idade de Ouro”, “O Salvador” e a “Conspiração”⁸. Estas ideias aparecem justapostas e indicam não apenas uma luta entre o bem e o mal, entre antagonistas e heróis, mas anunciam o resultado deste processo, entre a perdição e a harmonia conduzida pela figura elevada do Salvador.

Estes estereótipos estiveram presentes no discurso proposto no periódico e podem ser encontrados nos recortes temáticos. O primeiro deles é o modelo da “Idade de Ouro”, que aparece relacionado à Petrobras e aos sérios problemas que abalam a empresa, além de convocar a urgência em superá-los. O destino áureo da petroleira, se encontra em um futuro não muito distante, assim como pode ser visualizado no Quadro 1 — Caracterização da Petrobrás:

Quadro 1 – Caracterização da Petrobrás

Categoría de contexto	Ênfase Discursiva	Exemplos
Caracterização da Petrobrás, segundo a revista:	O símbolo Nacional / Orgulho do povo brasileiro	"[...] Mais que um retrato a óleo no Brasil, a Petrobrás sempre foi orgulho de todos os brasileiros [...]", "[...] A Petrobrás é a maior empresa brasileira, a maior da América Latina e a décima petroleira do planeta [...]"
	Expressividade econômica	"[a Petrobrás] [...] exemplo de meritocracia, laboratório, alta tecnologia, carreira dos sonhos dos jovens mais brilhantes e indutora do crescimento econômico [...]"
	Problemas na Estatal	"[...] Os números eloquentes só reforçam a certeza de que a Petrobrás poderia gerar muito mais riqueza para os brasileiros (e não apenas para os acionistas) se não fosse tratada como uma propriedade de partidos que estão no poder [...]", "[...] A Petrobrás,

⁸ A “Idade de Ouro” corresponde a uma esfera utópica, em que todo conflito social está extinto, existe somente a harmonia por excelência. Pode estar localizado em uma projeção de um passado ou no futuro. O “Salvador”, como grupo ou indivíduo, consegue conduzir a totalidade social a um plano superior ou instaurar o estado de paz, ao reverter o conflito vigente. Um dos exemplos apresentados pelo autor, no caso brasileiro, foi a campanha presidencial de Fernando Collor de Mello. Já o “Complô”, denuncia elementos que causam a desintegração do todo social, através de grupos/indivíduos que supostamente defendem interesses que são contrários ao da maioria. É manifestada a nostalgia de uma unidade *a priori* ou que se encontra ameaçada, cada vez mais distante do estado social vigente (MIGUEL, 2011).

		motivo de orgulho para os brasileiros, virou um poço sem fundo para a corrupção [...]", "[...] fica evidente que, há muito tempo, a maior estatal brasileira escapou das mãos do contribuinte e acionistas e foi capturada por um bando de saqueadores sem nenhum escrúpulo [...]"
	Privatização	"[...] Diante dos notórios desmandos da Petrobrás, muitos defendem a privatização da estatal. Sob o prisma da racionalidade econômica, a medida geraria enormes benefícios para a empresa, seus funcionários e o país [...]", "[...] Um passo fundamental para coibir a corrupção é rever o papel do Estado na economia brasileira, incluindo a retomada da venda de empresas estatais [...]"

Fonte: As autoras, a partir da análise da revista Veja (2014-2015)

Segundo os dados obtidos, é possível visualizar que a Petrobras, para além de um empreendimento, também é concebida na qualidade de um símbolo nacional. Ela é o“[...] orgulho de todos os brasileiros [...]” e caminha lado a lado a um sentimento nacionalista, enunciado na revista.

Parte desse reconhecimento provém da expressividade econômica que a estatal pode atingir. Consequentemente, a Petrobras ainda não teria alcançado o ápice de seu desenvolvimento — através da ideia de privatização — porque foi atingida por dois grandes problemas: tornou-se “[...] propriedade dos partidos que estão no poder [...]” e é alvo de corrupção. A privatização ainda carrega o simbolismo de uma unidade, em que acionistas e o “povo brasileiro” estariam nutrindo um interesse em comum, materializado no lucro financeiro.

Deste modo, o melhor desempenho da Petrobrás está condicionado ao afastamento desses elementos considerados estranhos, que não se encaixam na sugestão dessa unidade em torno do lucro. Tanto os partidos que estão no poder quanto a corrupção ocuparam o intrincado estereótipo do “Complô”, conforme o Quadro 2 — Caracterização dos problemas que atingem a Petrobrás:

Quadro 2 – Caracterização dos problemas que atingem a Petrobrás

Categoria de contexto	Ênfase Discursiva	Exemplos
Principais problemas que circundam a Petrobrás, segundo a revista:	Causas	Corrupção ou "propinoduto" e "petrolão" " [...] abastecer o propinoduto [...]", "[...] o esquema foi logo apelidado de 'Petrolão', o irmão mais robusto mas menos conhecido do mensalão[...]", "[...] Ficou delineada a existência de um "propinoduto [...]", "[...] quadrilha do petrolão [...]"

Agentes	Má gestão do governo Dilma Rousseff	"[a Petrobrás] [...] deixada em paz pelo governo, em pouco tempo retomará a trajetória, que fez dela, no auge, uma das empresas mais valiosas do mundo [...]", "[a Petrobrás] [...] asfixiada pela política de governo de segurar os preços dos combustíveis [...]", "[...] Dilma construiu sua carreira como técnica na área de energia. Eleita presidente, demoliu o setor [...]"
	O Partido dos Trabalhadores (PT)	"[...] como o PT está afundando a Petrobrás [...]", "[...] o método é o mesmo desde o primeiro governo Lula, em 2003. O PT aparelha as estatais, cobra propina de empresas que têm contratos com elas e, com o dinheiro desviado, abastece campanhas políticas e contas bancárias de seus militantes [...]", "[...] O pecado original da era petista foi presumir que a conquista da Presidência da República pelo voto fazia do Brasil propriedade privada do partido [...]", "[...] o PT como o maior beneficiário do propinoduto [...]"
	Lula e Dilma	"[...] o ex e a atual presidente da República não só conheciam como também usavam o esquema de corrupção na Petrobrás [...]", "[...] A companhia [Petrobrás] foi transformada num monumental centro de prospecção de propina para subornar políticos e financiar campanhas eleitorais de aliados dos governos Lula e Dilma [...]", "[...] O esquema montado durante o governo Lula e que continuou operando no governo Dilma, abasteceu campanhas eleitorais, inclusive a de 2010 [...]", "[...] Lula tem o mensalão. Dilma agora tem o petrolão [...]"
	Base de apoio do governo petista (PP e PMDB)	"[...] Note-se que os políticos e seus assessores que aparecem até agora nas investigações policiais, integram os quadros do PP, PMDB e PT [...]", "[...] o dinheiro, depois de devidamente lavado por doleiros, era distribuído entre os políticos e os partidos da chamada base de sustentação do governo [...]", "[...] Assim como no mensalão, a distribuição de dinheiro servia para garantir que os partidos aliados continuassem a apoiar o Palácio do Planalto no Congresso [...]"
	Empresas e empreiteiros	"[...] A Polícia já sabe que, para garantirem contratos na Petrobrás, as empresas contribuíam para caixas eleitoral de partidos ou pagavam propina diretamente a partidos [...] quem são eles? [...] PT, PP e PMDB [...]", "[...] um clube muito exclusivo, diga-se. Dele só podiam fazer parte grandes empresas que aceitassem as regras do jogo de corrupção [...]", "[...] o esquema na Petrobrás era político. As empreiteiras entraram como solução para o problema de entregar o dinheiro aos parlamentares e candidatos da base aliada do governo do PT [...]"
	Demais partidos	"[...] alguns dos parceiros de Alberto Yousseff [doleiro] são figuras públicas e trabalham em Brasília [...]"

Fonte: As autoras, a partir da análise da revista Veja (2014-2015).

Com relação ao tema da corrupção, a prática ganha dois rótulos específicos que serão utilizados durante toda a cobertura em dois anos de publicação. O primeiro é o “propinoduto” em alusão aos dutos que escoam petróleo na Petrobras, já o segundo trata-se do “petrolão”, termo utilizado em referência à Ação Penal 470, amplamente divulgada como “Mensalão”. A partir dessa associação, é sugerido ao leitor uma continuidade entre os dois processos (mensalão = petrolão) que possui o denominador comum da corrupção e envolve os mesmos personagens na trama.

Deste modo, para as duas ordens de problemas que a estatal enfrenta, são apresentados, em contrapartida, os respectivos agentes que de alguma forma estão atrelados à atuação do Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse sentido, o periódico constrói o apanágio que denominou como “O projeto de poder do PT”, que corresponde a uma série de estratégias — leia-se ilícitas — de manter-se em altos cargos públicos. Seus representantes não agem mais em função dos ideais democráticos, já que procuram enganar a população, em nome de um projeto estranho ao ideal clássico de política.

A partir dessa lógica, o PT “[...] aparelha as estatais [...]” desde muito cedo, com funcionários de confiança na intenção de angariar benefícios próprios. Prática que ocorre desde o primeiro mandato presidencial conquistado pela legenda. Em outras palavras, a corrupção no partido não se trata de um personalismo de políticos, mas é endêmica. Se levado ao extremo da representação, o partido corrompeu a máquina pública e agora está manchando o nome da Petrobras, o grande símbolo brasileiro.

De acordo com a análise empreendida, Lula e Dilma deram signo à corrupção no partido, daí a intensa exposição das imagens do ex-presidente e da então presidente. Como líderes do PT, possivelmente teriam se beneficiado do esquema para se manter no poder. Mais uma vez é sugerido a continuidade entre o processo do Mensalão e do Petrolão, através dos dois presidentes: “[...] Lula teve o mensalão. Dilma agora tem o petrolão [...]”.

A plataforma econômica do governo não escapou à crítica no âmbito da revista *Veja*. Assim, Dilma teria tomado uma série de medidas que minavam o potencial de crescimento da petroleira, em favor de crenças econômicas consideradas “ultrapassadas” como o controle de preços dos combustíveis, na contramão de uma economia liberal, defendida pelo periódico.

O conhecimento que Dilma possui na área de economia e sua experiência como técnica no setor de Minas e Energia, só é relembrado com o objetivo de desqualificar a presidente quando no desempenho de sua função de gestora.

Ainda que Lula e Dilma sejam os maiores beneficiados pelo esquema, de acordo com discurso da revista, eles não estão sozinhos. Também é apresentado a atuação de outros partidos como PP e PMDB, no entanto, sob a condição de aliados políticos do PT. A investigação sobre estas legendas praticamente desaparece em nome desta vinculação. Os demais partidos pouco apareceram em matérias do periódico.

Por outro lado, condição semelhante ocorreu com a descrição da atuação dos empreiteiros e empresas, peças-chave no processo. Ainda que os nomes tenham sido divulgados a cada edição, o tom que se sobressai é mais o da *coação* desses agentes por parte de políticos e agentes públicos, do que a organização de um cartel empresarial. Além disso, é importante ressaltar o grande apelo mobilizado no processo de divulgação das delações premiadas, na categoria de revelações de uma verdade absoluta e não como uma das etapas de um processo de apuração federal, que poderia a qualquer momento, não ser homologada pelos juízes encarregados.

O complô apresentado pela revista *Veja*, só poderá ser revertido por meio da operação Lava Jato. Deste modo, segundo Miguel (2011), a imagem do “Salvador” pode ser construída tanto sobre um grupo social, quanto estar atrelado a personalidades específicas. No caso da revista, as duas tendências estão presentes, ora no enfoque dado à operação, ora sobre a figura de Sergio Moro. No que concerne a abordagem da Lava Jato, é apresentado o Quadro 3 — Caracterização da operação Lava Jato:

Quadro 3 – Caracterização da operação Lava Jato

Categoria de Contexto	Ênfase Discursiva	Exemplos
Atuação da Lava Jato, segundo a revista:	A maior investigação de corrupção do país	"[...] A Lava-Jato pode entrar para a história do país como o mais duro golpe já aplicado contra o crime organizado [...]", "[...] Lava-Jato, que esquadriinha o maior esquema de corrupção da história do país [...]"
	Pretende "restaurar" as instituições públicas	"[...] o aspecto alentador da Operação Lava-Jato é justamente este: a credibilidade das instituições públicas [...]", "[...] a Operação Lava Jato é um marco de institucionalidade no Brasil [...]", "[...] a Operação Lava Jato tem servido como testemunho da saúde das instituições [...]", "[...] O país foi submetido a uma surpreendente e saudável faxina [contra a corrupção] com a Lava-Jato [...]"

	Atua contra "privilegios"	"[...] A Policia Federal arrastou para a prisão outros vinte donos e altos executivos das maiores empreiteiras do país [...]", "[...] Na carceragem da Polícia Federal em Curitiba [...] tem sido dura a rotina dos integrantes do chamado clube do bilhão [empreiteiros], que até recentemente cruzavam os céus do país a bordo de jatos particulares [...]"
	Operação Mãos-Limpas	"[...] Lava-Jato a versão brasileira da Operação Mão-Limpas, a investigação de grande envergadura [...]"
Antagonistas	Advogados de empreiteiros	"[...] Um exército de advogados dos maiores e mais conceituados escritórios do país esquadrinha há mais de um ano os processos da Operação Lava-Jato em busca de algo que possa ser usado na Justiça para tentar questionar a validade das investigações [...]"
	Lula e Dilma	"[...] Lula pediu a Dilma que se engajasse para deter a Operação Lava-Jato [...]"

Fonte: As autoras, a partir da análise da revista Veja (2014-2015).

A partir do Quadro acima, é possível conceber a imagem da Lava Jato em tom bastante positivo. É por meio desta operação que a crença na eficiência das instituições públicas se estabelece, ao contrário do que pode ser visto sobre os partidos – principalmente o PT – que deturpam a sua finalidade. A investigação, compreendida como “[...] o mais duro golpe já aplicado contra o crime organizado [...]”, cumpre a tarefa de realizar uma limpeza contra a corrupção na Petrobrás e, em um segmento mais amplo, sobre a própria política. Torna-se demarcado a forma de retorno para a “Idade de Ouro”, a partir da prisão dos agentes que causaram o conflito.

Outro destaque no periódico é a forma como foi utilizada a operação italiana Mão Limpas, para construir a representação da Lava Jato, em que ambas se atualizam reciprocamente. A operação brasileira empresta do caso italiano a pretensão de tornar-se memorável, uma aproximação que já vinha sendo promovida pelo próprio juiz Sergio Moro (MORO, 2004). É sugerida a viabilidade da reprodução de elementos da operação italiana no território nacional, a partir de instrumentos como a parceria entre a mídia e o judiciário em prol da publicidade e o destemor dos jovens juízes italianos na condução da investigação.

Enquanto uma investigação construída para deter interesse dos “poderosos”, a Lava Jato possui alguns antagonistas expressivos que se empenham em frear o avanço do processo. São estes os advogados de empreiteiros, que buscam a anulação dos autos e o ex-presidente Lula e Dilma Rousseff, que procuram manter o projeto de poder de seu partido intacto.

Vestindo a Toga: o juiz federal Sergio Moro segundo a revista *Veja*

Foi reservado uma seção à parte para tratar da figura de Sergio Moro, devido a complexa mobilização de significados em torno do juiz federal. Ele é tratado consoante ao estereótipo do “Salvador” e é o grande protagonista da Lava Jato, mas como será visto adiante, este não é o único rótulo designado a ele. Para examinar melhor esta condição, foi disposto o Quadro 4 — Caracterização do Juiz Sergio Moro:

Quadro 4 – Caracterização do Juiz Sergio Moro

Categoria de contexto	Ênfase Discursiva	Exemplos
Caracterização do juiz federal Sergio Moro, de acordo com a revista:	Dotado de grande <i>expertise</i> técnica / Competente	"[...] Sergio Moro, o magistrado responsável pelo processo que está desnudando o maior caso de corrupção da história [...]", "[...] Moro é um dos maiores especialistas do país na área de lavagem de dinheiro, obstinado no trabalho e discreto [...]", "[...] Moro é considerado um juiz de alta competência técnica. Já era assim quando cursou direito na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, onde ganhou fama de 'geniozinho' [...]", "[...] Se a roda da Justiça vem girando sem engasgos desde o início da Operação Lava-Jato, há quase um ano, isso se deve em grande parte aos movimentos cuidadosos do juiz federal Sergio Moro [...]", "[...] No balanço da Lava-Jato, Moro cometeu poucos erros [...]"
	Resiliente	"[...] Condutor da Lava-Jato, o juiz Sergio Moro, mesmo pressionado por todos os lados, não teve praticamente nenhuma decisão derrubada nos tribunais superiores [...]"
	Coerente	"[...] Além do talento, há outra qualidade que não falta a Moro: coerência [...]", "[...] Nada na carreira de Moro autoriza a pensar que seu espírito esteja no lugar errado. O tripé que montou é ousado, mas vem sendo executado com zelo para não violar os direitos dos investigados [...]"
	Incorrutível	"[...] Aos 42 anos de idade e dezoito de profissão, [Moro] é um daqueles juízes intocáveis, incorruptíveis, com uma carreira cujos feitos [...] prenunciam um futuro brilhante [...]"
	Oposto à "quadrilha de políticos e empreiteiros"	"[seguir o dinheiro] [...] É exatamente o que a força-tarefa de policiais e procuradores do Ministério Público paranaense vem fazendo, sob a supervisão do próprio Moro, no caso da quadrilha de políticos, empreiteiros e servidores corruptos [...]"
	Pretende devolver a "confiança as instituições públicas corrompidas" Privatização	"[...] A partir desse raciocínio, Moro explicou que a prisão dos empreiteiros, aliada à gravidade dos crimes de que são suspeitos, era uma forma de preservar a 'confiança da sociedade' e a 'credibilidade das instituições públicas' [...], [...] O juiz Sergio Moro, responsável pelas investigações da

	Operação Lava Jato, fez o diagnóstico correto de que as condições propícias à corrupção são criadas quando empresas privadas encontram "zonas sombrias" e perdem a confiança na lisura da concessão dos contratos públicos [...]"
Aclamado pela opinião pública	"o juiz Sergio Moro tornou-se uma celebridade nacional [...] Não há lugar público - restaurante, aeroporto, fila de táxi - em que ele não seja aplaudido por populares [...]"
Personificação da "Justiça"	"[...] No braço de ferro com os acusados, Moro não apenas continua invicto. Com passos estudados, vem ganhando terreno e vencendo obstáculos que antes pareciam irremovíveis, como a lentidão da máquina da Justiça [...]", "[...] O tiroteio disparado contra Sergio Moro é uma das mais agressivas campanhas em favor da negação da Justiça que o Brasil já conheceu [...]", "[...] A esperança de um Brasil mais justo para todos trazida pela operação comandada pelo juiz Sergio Moro [...]"
Promove um serviço sem precedentes na história brasileira	"[...] O juiz Sergio Moro produziu um documento para a história ao pedir a prisão dos suspeitos da Operação Lava-Jato [...]", "Ele salvou o ano!"
Associação ao Ministro do STF Joaquim Barbosa [encarregado do processo conhecido como "Mensalão"]	"[...] Moro agora é quem carrega as responsabilidades que foram de Barbosa e Gurgel e também enfrentará poderosos interesses contrariados [...]", "[...] Desde a deflagração da Operação Lava-Jato e da prisão de executivos das maiores empreiteiras do país, os advogados de defesa tentam desqualificar o juiz e seu arsenal jurídico, exatamente como ocorreu no mensalão [...]"

Fonte: As autoras, a partir da análise da revista Veja (2014-2015).

Sobre a atuação do juiz, a ênfase recai em sua competência na posição de agente de justiça, sobretudo quanto ao domínio do saber técnico da profissão e a consequente coerência na tomada de decisões. Dotado de todas essas características, ele é reconhecido como expoente em seu meio: "[...] Moro é um dos maiores especialistas do país na área [...]", "[...] um juiz de alta competência técnica [...]".

Mesmo que tenha sido pressionado pela forma como conduziu a operação Lava Jato, —assunto que gerou uma série de controvérsias, entre especialistas — o juiz “resistiu” às tentativas de impedir seu trabalho. É possível notar ainda, uma oposição entre a imagem de Moro, se comparado aos políticos e empreiteiros, nesta altura, denominados como uma “quadrilha”.

Tamanha é a superioridade moral imputada ao juiz, que sua atuação se converte no próprio ideal de Justiça. Negar a sua imagem, ou contestar a sua atuação é o equivalente a

voltar-se contra a prevalência do “bem”, exemplificando: “[...] O tiroteio disparado contra Sergio Moro é uma das mais agressivas campanhas em favor da negação da Justiça que o Brasil já conheceu [...]. Por este ângulo, Moro é aquele que trará a “[...] A esperança de um Brasil mais justo para todos [...]”. De todo modo, subentende-se que não se trata apenas de levar a justiça ao caso da Petrobrás, mas existe a mesma expectativa para todos os setores da vida pública, em que existam “zonas sombrias”.

Quando o tema da corrupção é abordado, este aparece aliado aos partidos e as estatais, discurso utilizado para reforçar a proposta de privatização da petroleira. Somente nestes termos é concebível a eliminação da corrupção. A revista excluiu da equação, empresas e empreiteiros organizados em cartel, — que são produtos da rede privada — e depositou toda a responsabilidade sobre os partidos políticos.

Por último, é preciso não perder de vista outros dois recortes. O primeiro é a dimensão histórica atribuída ao trabalho de Moro, que precisa ser rememorada, transformada em um monumento devido aos significados morais que comporta. A propensão ao estereótipo do Salvador encontra o seu auge na narrativa.

O segundo é a associação do trabalho de Sergio Moro e a atuação de Joaquim Barbosa. Nesse sentido, existe uma estrutura simbólica de protagonismo de agentes do judiciário construída pelo periódico, que se iniciou com o escândalo sobre o processo do “Mensalão”, mas que ultrapassa seus limites. Assim, a representação criada em torno de Moro, não se trata de uma figura isolada, mas pertence a uma trajetória já delineada por Barbosa, em que o mito veste a toga.

A exceção do caso Lava Jato, talvez, seja ter elevado o protagonismo de agentes do judiciário ao ponto máximo, de maneira a influir sem precedentes no jogo democrático. Uma agenda que teve como grande aliado o discurso jornalístico.

Considerações Finais

No início desta pesquisa foi proposto responder, que tipo de narrativa foi construída pela imprensa no que diz respeito a operação Lava Jato e os atores de justiça que atuaram na investigação. Assim como discutido, foi possível reconhecer a mobilização de diversas representações sobre o evento. A partir destas representações, a Petrobras é compreendida como um símbolo nacional, seguida da ideia da crise na empresa, relacionada a agentes políticos auto

interessados e, por último, a investigação federal como a solução para o mal que atinge a petroleira. A trama também apresenta um protagonista na figura do juiz federal Sérgio Moro, que possui as qualidades elevadas capazes de conduzir a estatal a um futuro de sucesso, longe da corrupção.

Uma representação que não está deslocada de seu contexto de produção. Para Miguel (2011), o discurso mítico existe em sociedades que já apresentam certa condição de aceitabilidade, de disponibilidade da ideia que passa a ser transformada em mito. A eficácia desse tipo de discurso depende dessa condição, previamente estabelecida nas bases do imaginário social, ou seja, a emergência do mito torna-se a ponta mais visível de uma condição preexistente, no seio daquela sociedade. Por conseguinte, faz-se necessário compreender a ascensão da Lava Jato na agenda pública, no contexto de crise enfrentada pelo governo federal.

Deste modo, é possível conceber a narrativa projetada pela revista, da seguinte maneira: assim como a Petrobrás — símbolo nacional —, tem sido vilipendiada pela ação de políticos — especialmente o PT —, o mesmo também ocorre com o país e, por isso, existe a crise político-econômica vigente. Desta perspectiva, a solução para a crise na Petrobrás e do Brasil, vem a partir de um mesmo caminho: afastar a influência dos membros do Partido dos Trabalhadores.

A investigação promovida no âmbito da Lava Jato, reuniu ainda condições bastantes semelhantes ao escândalo político da Ação Penal 470 (Mensalão), que por pouco não custaram o mandato do ex-presidente Lula, ligado ao Partido dos Trabalhadores. Por esse motivo, não é uma coincidência que a representação sobre o Mensalão tenha sido mobilizada em diversas ocasiões pelo periódico, para sugerir a continuidade de práticas reprováveis e, em última instância, a impunidade de políticos. Uma tendência que alimentou o sentimento por justiça e contribuiu para a consolidação da bandeira “contra a corrupção”, perante a opinião pública. A

abordagem positiva da revista *Veja*, no caso Lava Jato, pode ser um indicativo de uma parceria da mídia com os setores judiciário e de segurança pública, em que ambos se beneficiaram. No lado da revista, ao se apropriar do discurso jurídico e transformá-lo em notícia, o periódico conseguiu garantir a legitimidade de sua agenda antipetista, sob o bastião da objetividade da informação. Já os setores do judiciário, conquistaram reconhecimento público suficiente para seguir com o processo de investigação, mesmo que por meio de medidas controversas, como as prisões preventivas.

O grande perigo desta forma de construção narrativa realizada pela revista *Veja*, é um processo de desqualificação da própria política, em que figuras personalistas se confundem com as instituições democráticas, fenômeno também apontado por outros pesquisadores (CIOCCARI, 2015; JÚNIOR et al., 2018).

Em uma perspectiva semelhante, Miguel (2011) assevera que a democracia é feita a partir da acomodação de opiniões diferentes, o dissenso se torna parte constituinte da política. Sendo assim, a narrativa proposta pela revista nega a política, porque pressupõe a exclusão do inimigo, ela não admite opiniões distintas. Tal discurso, se levado às últimas consequências, é um risco para a própria democracia. Uma atitude controversa e que pode revelar um grande *revés* no futuro, principalmente, se levado em consideração que, a atuação da imprensa livre de revista, como a praticada pela revista *Veja*, só pode ser realizada em uma democracia, que pressupõe instituições fortes, que assegurem a livre expressão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto Editora/EDUSP, 1988.

CIOCCARI, Daysi. Operação Lava Jato: escândalo, agendamento e enquadramento. **Revista AlterJor**, São Paulo, Ano 06, v.02, ed. 12 jun-dez, 2015. Disponível em: <[Operação Lava Jato: escândalo, agendamento e enquadramento | Revista AlterJor \(usp.br\)](#)> Acesso em: 9 dez. 2021

DEPUTADOS, Câmara. Denúncia por crime de responsabilidade nº 1/2015. Apelante: Hélio Pereira Bicudo e outros. Apelada: Dilma Vana Rousseff. Relator: Jovair Arantes. Brasília – DF, 02 de dezembro de 2015. **Diário da Câmara dos Deputados**, Brasília, ano LXXI, tomo I/VI, p. 4-68, mar. 2016. Disponível em <imagem.camara.gov.br/Imagen/d/pdf/DCD0020160318S00350000.PDF#page=>> Acesso em 9 dez. 2021

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**: tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JÚNIOR, João Ferres, et al. A Lava Jato e a Mídia. In: KERCHE, Fábio; FERES Júnior, João; et al. **Operação Lava Jato e a democracia brasileira**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018, p. 199-227

MIGUEL, Luís Felipe. Em Torno do Conceito de Mito Político. **Dados [online]**. 1998, v. 41, n. 3 , pp. 635-661. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52581998000300005>>. Epub 04 Fev 1999. ISSN 1678-4588. <https://doi.org/10.1590/S0011-52581998000300005>. Acesso em 9 dez. 2021

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. 1997. 359f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280039>>. Acesso em: 9 dez. 2021.

MORO, Sergio Fernando. Considerações sobre a Operação *Mani Pulite*. **Direito Penal**. Brasília, n. 26, p. 56-62, jul./set. 2004. Disponível em <[C:\AATRABALHOS\Internet\Revista \(conjur.com.br\)](C:\AATRABALHOS\Internet\Revista (conjur.com.br))> Acesso em 9 dez. 2021.

Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, 2014. – ISSN: 0100-7122

Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, 2015. – ISSN: 0100-7122

SECCO, Lincoln. **História do PT**. 2ºed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2011

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves. “Hail Arminius! O Pai dos Alemães!”: a construção mítica da Unificação Alemã entre 1808 e 1875. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 330-355, maio/ago. 2017. Disponível em: <<Revista Topoi . Revista do programa de pós graduação de História Social da UFRJ>> Acesso em 9 dez. 2021

SINGER, ANDRÉ. **O lulismo em crise: um quebra cabeça do período Dilma (2011-2016)**. 1ºed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.